

# 6

## A PAIXÃO DA CÓLERA EM *CINZAS DO NORTE*, DE MILTON HATOUM

THE PASSION OF ANGER IN *AS CINZAS DO NORTE*, BY  
MILTON HATOUM

### Miriam Moscardini

Mestre em Linguística pela Universidade de Franca (Unifran).

### Vera Lucia Rodella Abriata

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp - Araraquara). Docente do curso de Letras e do Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (Unifran). Vice-coordenadora do programa de Mestrado em Linguística (Unifran).

## RESUMO

Este estudo objetiva analisar cenas do romance *Cinzas do norte*, de Milton Hatoum, baseando-se principalmente na semiótica francesa. Nosso enfoque será o estudo da paixão da cólera e suas variantes, tal como as concebe Jacques Fontanille em *Dictionnaire de passions littéraires* (2005). Sabe-se que os estudos semióticos visam ao estudo das paixões como efeitos de sentido inscritos e codificados na linguagem. Fontanille estabelece uma sequência canônica da paixão da cólera a qual utilizaremos em nossa análise, objetivando identificá-la no texto hatouniano. O estudo da paixão da cólera, que se concretiza no romance, é importante porque nos possibilita, por meio da sequência canônica, entendermos como se dá a relação conflituosa entre pai e filho existente na obra, revelando-nos como o enunciador tece os sujeitos de papel e os inscreve no texto, revelando-nos seus estados de alma, enfim, as paixões humanas.

**Palavras-chave:** Milton Hatoum; Semiótica francesa; paixão; cólera.

## ABSTRACT

This work aims at analysing scenes of the novel *Cinzas do norte*, by Milton Hatoum, and it is mainly based on French Semiotics. Our approach will be the study of the passion of anger and its variants, as conceived by Jacques Fontanille in *Dictionnaire de passions littéraires* (2005). It is known that the semiotics studies aims at studying passions as effects of sense enrolled and codified in the language. Fontanille establishes a canonic sequence of the passion of anger which we will use in our analysis in order to identify them in Hatoum's text. The study of the passion of anger, materialized in the novel is important because it makes possible, by means of the canonic sequence, to understand the conflicting relationship between father and son in the work. Our aim is also to know how the enunciator composes the subjects of paper and how he inscribes them in the text, unveiling to us their states of soul, at last, the human passions.

**Key words:** Milton Hatoum; French semiotics; passion; anger.

## INTRODUÇÃO

O romance *Cinzas do norte*, de Milton Hatoum, narra a relação conflituosa entre Raimundo e seu pai Trajano. Mundo era um jovem rebelde, engajado em causas sociais e seus valores eram diferentes de seu pai Jano, rico comerciante, produtor de malva e de juta, que eram cultivadas em sua propriedade em Parintins, a Vila Amazônia. As relações de Jano, como representante do poder econômico, estabeleciam-se com os simpatizantes da ditadura militar no Brasil, tempo em que se ancora a história. O espaço que perpassa grande parte da narrativa é Manaus e abarca, desde os anos 1960 até o fim do regime militar.

O nosso trabalho fundamenta-se nos pressupostos da semiótica de linha francesa, voltando-nos especificamente ao estudo da paixão da cólera. Devemos lembrar que o estudo das paixões passou a ser objeto de interesse da teoria Semiótica francesa, a partir dos anos 1980, que trata de analisar o universo passional presente na produção discursiva.

Fontanille (2005, p. 62-63), em estudo sobre a paixão da cólera literária observa que ela se manifesta sob o controle de outra paixão. Ela pode ser objeto de avaliações positivas ou negativas, as quais se convertem em comportamento moral. O semioticista francês estabelece uma sequência canônica para a paixão da cólera que segue, segundo ele, o seguinte percurso: “Confiança → espera → frustração → descontentamento → agressividade → explosão”. Esse percurso, que se realiza ao longo da cadeia do discurso, é complexo e fundamenta-se em uma cadeia de motivos:

[...] o sujeito explode em razão de sua agressividade; ele é agressivo em razão de seu descontentamento, ele está descontente em razão de sua decepção, ele está decepcionado em razão do que ele esperava, e, enfim, ele esperava em razão do que lhe haviam prometido ou da expectativa que haviam lhe criado. (FONTANILLE, 2005, p. 63).

Cada uma das fases da sequência canônica oferece uma nova visão da relação entre dois sujeitos e uma nova transformação da relação fiduciária: “confiança e abandono de um em relação ao outro, decepção e abandono de um em relação ao outro, desconfiança e acusação, e, para terminar, um novo questionamento da relação contratual”. Com isso, esses momentos passionais expostos podem-se desdobrar em fases intermediárias:

[...] a espera se desenvolve então em paciência ou impaciência, segundo a confiança concedida seja forte ou frágil, a frustração se desdobra em aflição (angústia), dor ou desejo insatisfeito, caso o investimento no objeto seja total ou parcial, o descontentamento se desenvolve em ressentimento, em amargura, ou mesmo em cálculos paranoicos, segundo o fracasso seja imputado parcial ou totalmente, acidental ou intencionalmente a outro sujeito; a agressividade, enfim, pode tomar a forma de ódio, a longo termo, ou da vingança, segundo um princípio de reciprocidade de danos (FONTANILLE, 2005, p. 66).

Devemos ressaltar que nenhuma das etapas garante que a sequência do esquema canônico da cólera será completa. Por tal motivo, Fontanille (2005, p. 66) afirma que:

[...] justamente em razão de seu caráter canônico, a sequência da cólera permite prever variantes não canônicas. Por exemplo, todas as frustrações não terminam por uma explosão de cólera, algumas levam ao desespero, outras, a simples e duráveis descontentamentos; outras, enfim, serão compensadas por contraestratégias, de vingança ou de represália.

O semioticista refere-se também a variantes subsequentes da cólera: a impaciência, o desespero, a revolta, o ressentimento, o despeito, o ressentimento, o ódio e a vingança. Por outro lado, é importante enfatizar que as variações antecedentes da sequência são menos frequentes e menos significativas, segundo o autor, mas não podem ser ignoradas. Assim, apesar de todo seu estudo pressupor uma confiança preliminar, a frustração e o descontentamento podem tam-

bém aparecer na sequência de um conflito e de uma rivalidade: [...] a frustração não assinala então uma “confiança” anterior do sujeito, mas uma legítima esperança de importá-la, a que ele deve renunciar e que o faz entrar em um percurso que parece então ao fim da cólera, aí compreendidas as variantes subsequentes: ressentimento, ódio, vingança, etc. (FONTANILLE, 2005, p. 74).

Quanto ao descontentamento, ele não pressupõe, de modo obrigatório, uma frustração particular que, sustentada por uma confiança, pode muito bem pressupor uma posição de exigência virtual e de princípio tal que nenhuma situação reencontrada concretamente a satisfará:

O descontentamento perpétuo, se não é uma manifestação da sabedoria, não é tampouco uma forma de vida: a que assinala não mais uma confiança traída, mas um desacordo geral com o mundo tal qual ele é, um desacordo irreduzível entre o mundo virtual construído pelo sujeito, e o mundo atual tal qual ele o afronta/enfrenta. (FONTANILLE, 2005, p. 74).

Em confronto com suas variantes sintáticas a cólera se manifesta, pois, como um “ramo” passional e Fontanille considera o “ramo” como a versão sintática da “gama” passional. Finalmente o semiótico francês estabelece o seguinte esquema do percurso da cólera com suas variações:

### Rivalidade Exigência

CONFIANÇA → ESPERA → FRUSTRAÇÃO → DESCONTENTAMENTO  
→ AGRESSIVIDADE → EXPLOSÃO

Impaciência Angústia Ressentimento Ódio

Agitação Desespero Desrespeito Vingança

Inquietude Revolta

É, pois, a partir dessa concepção de Fontanille sobre a paixão da

cólera que examinaremos como ela e suas variantes se manifestam em cenas de *Cinzas do norte*.

## O ESTADO DE CÓLERA DE JANO

Para Mundo, a arte era o fato motivador de sua vida, para seu pai, por outro lado, essa sua paixão era considerada um pesadelo, pois queria que o filho fosse seu sucessor nos negócios da família. No entanto, ao longo de sua vida Mundo foi percebendo que isso se tornava cada vez mais difícil. Ao tentar estimular o filho com o convite a Lavo para a viagem que fariam à Vila Amazônia, sua propriedade, Jano achava que Mundo poderia, de alguma forma, demonstrar interesse pelo lugar. No entanto, foi percebendo que sua tentativa fora inútil:

Pensei que tua presença ia estimular meu filho, mas não adiantou. Ele ficou comovido com a morte daquele índio. Ignora a Vila Amazônia, cresceu com essa repulsa... *Se eu tivesse outros filhos!* Por isso, invejo a sorte de alguns proprietários da região, homens e mulheres que criaram *homens e têm herdeiros*. Enquanto eu vou morrer sem herdeiro, Deus não me deu um. (HATOUM, 2005, p. 87, grifos nossos).

No excerto acima, fica pressuposto que Jano criara uma expectativa imaginária ao desejar que Mundo pudesse ser seu sucessor, seu herdeiro. Evidencia-se, pois, em termos de fases do esquema passional da cólera, a *confiança* pressuposta que o pai depositava no filho. Havia, portanto, uma *espera* do pai que acreditava que isso pudesse se concretizar. Contudo, seu pessimismo e decepção são evidentes ao apontar que eram felizes aqueles os quais tinham “herdeiros”, e a redundância das figuras “homem” e “herdeiro” revela a expectativa anterior e a descrença posterior do pai diante da possibilidade de Mundo tornar-se um sujeito responsável, capaz de cuidar dos negócios da família, como tantos outros fazendeiros que tinham nos filhos seus sucessores nos negócios.

As desavenças de Mundo e Jano vão se intensificando ao longo do

tempo da narrativa. Ao tomar conhecimento da expulsão do filho do Colégio Brasileiro, devido a questões disciplinares – Mundo havia discutido com o professor que elogiara o governo militar, e fizera uma caricatura do diretor do colégio, além de sair quase nu na frente de todos – Jano cada vez mais foi passando a descrever na possibilidade de que o filho seguisse seus valores. Não só os motivos relacionados ao Colégio Brasileiro levaram Jano a se decepcionar com o filho. Também a humilhação que Mundo sofreu no antigo colégio em que estudava, o Pedro II, quando alguns alunos da mesma classe fizeram uma brincadeira vingativa com fogo contra ele devido ao fato de o rapaz ter feito uma caricatura medonha deles. Mundo, então, atirou-se no lago da praça para apagar o fogo e não tomou nenhuma atitude contra a agressão. Desse modo, para o pai, o filho, ao não revidar a agressão, demonstrou ser passivo, covarde, incapaz de agir diante de uma situação agressiva dos colegas, o que muito o decepcionou.

Assim, as primeiras etapas do esquema canônico da paixão da cólera ficam pressupostas no texto: a *confiança* e a *espera*. Jano, de início, acreditava que o filho respeitava as regras do colégio. No entanto, isso se mostra uma mentira para ele, e o filho configura-se um sujeito contrário aos valores pelos quais seu pai tinha grande estima: “Discutiu com um professor de história que elogiou o governo militar. [...]. Rasgou a farda, pregou os trapos nas janelas e saiu quase nu na frente de todo mundo, prosseguiu Jano. Meu filho se expôs ao ridículo, mangou do diretor e ainda fez uma caricatura também do coitado”. (HATOUM, 2005, p. 117).

O contrato de confiança que pressupostamente Jano estabelecera com seu filho era modalizado pelo “dever-ser”, pois na crença, estabelecida pela hierarquia familiar, o pai tem autoridade diante do filho e este teria o dever de obedecê-lo. Percebemos que isso não acontece com Mundo, pelo contrário, ela era transgressor e não aceitava os valores do pai.

Jano então manipula o filho por intimidação, oferecendo-lhe um objeto de valor negativo, o colégio interno: “Agora você vai enfrentar o internato aqui, perto do pai” (HATOUM, 2005, p. 119). Novamente, Jano é tomado por um sentimento de frustração ao saber que o filho não vai comandar os negócios da família: “É um destruidor de sonhos, isso sim, replicou Jano. [...]. Pensa que pode construir o futuro com devaneios. Um sonhador não ignora o trabalho de meio-século! A Vila Amazônia...” (HATOUM, 2005, p. 118).

Jano manifesta, pois, seu descontentamento com o filho, depois de expulso do colégio pela discussão com o professor e resolveu submetê-lo ao regimento do colégio militar: “[...] vai estudar no Colégio Militar. Mais pela formação moral, pelo caráter, do que pela qualidade do ensino” (HATOUM, 2005, p. 117). Percebe-se, pois, que o pai impôs ao filho uma condição, decorrente da *frustração* diante da humilhação que sofrera. O *descontentamento* maior de Jano acontece no momento em que Mundo o desafia, ao deixar claro que não vai atender à imposição do pai: “Nem interno nem externo” (HATOUM, 2005, p. 120).

Jano, nesse momento, já dominado por um sentimento de *frustração*, *descontentamento*, em relação ao filho, passou para a fase da *agressividade verbal* contra ele, percebida na afirmação: “‘Tua opinião não vale nada’, disse Jano. ‘Não vou admitir... Foste influenciado por aquele boa-vida, Arana. Tu e os artistas... uns inúteis’” (HATOUM, 2005, p. 120).

De acordo com Fontanille (2005, p. 64), a frustração “[...] reatualiza a promessa de conjunção anterior, e a falta apenas se prova, nesse caso, sob o fundo da confiança e da espera irrealizadas”. Jano foi tomado pelo *descontentamento* diante dos fazeres de Mundo, pois sentiu o desrespeito do filho, a vergonha que ele lhe causou ao ser expulso do colégio, principalmente pelo fato de ironizar o regime militar.

Devido ao descontentamento que sofrera, o pai é dominado por um sentimento de *ódio*. A humilhação que estava sofrendo era decorrente das atitudes do filho e, ao mesmo tempo, por saber que Mundo não se preocupava em ser seu único herdeiro. Preferia se dedicar a seu sonho de realizar-se como artista. O pai revelou sua *frustração* nesse aspecto, o que se observa quando respondeu a seu amigo, Palha, que lhe disse que Mundo era um sonhador. Nesse momento, Jano afirmou que:

‘É um destruidor de sonhos, isso sim’, replicou Jano. ‘Onde ele está? Alícia pediu que o nosso filho participasse desta reunião, mas nessas horas ele some. Deve estar escondido, rabiscando grandes obras de arte. Pensa que pode construir o futuro com devaneios. Um sonhador não ignora o trabalho de meio século! A Vila Amazônia... (HATOUM, 2005, p. 118).

Logo, o sonho do pai de ter no filho um substituto nos negócios da família também foi gradualmente se esvaindo. É importante observar que a *frustração* é mútua, do pai para com o filho e vice-versa. Desse modo, ela vai caminhando para a *agressividade* mútua, pois o pai e filho almejavam valores diferentes. Tal fato se tornou evidente quando Jano gritou com o filho, em tom de imposição, autoritário. “Jano aproximou-se do filho e berrou: ‘Nem morto vou te deixar em paz’ ” (HATOUM, 2005, p. 120). Mundo não se intimidou com seus dizeres e o insultou e, de forma indireta, também aos militares, seus amigos: “‘Zanda? Grande vigarista. Esses teus amigos...’ ” (HATOUM, 2005, p. 121). Isso contribuiu para despertar um sentimento de *raiva* no pai que se manifesta por meio de agressão física, a qual figurativiza a *explosão da cólera*:

‘Como podes dizer isso? Sou um dos amigos do teu pai’. A voz de Palha se calou com o estalo de um golpe: o cinturão do pai atingira o pescoço de Mundo; a outra lambada açoitou seus ombros, e eu corri para segurar a mão de Jano. Alícia gritou por Naiá e Macau; um rosnado feroz me assustou, e logo ouvi ganidos: vi meu amigo chutar o cachorro e depois

ser imobilizado e arrastado da sala pelo chofer. A empregada e Alícia cercaram Jano, que, olhos fixos na parede, movia apenas a mandíbula, o corpo parecia anestesiado. [...] ‘Meu filho vai aprender...’, murmurou Jano, largando o cinturão. [...] Jano caminhou devagar entre as duas mulheres até a escada. Enquanto ele subia, ouvi-o dizer: ‘Cuida do Fogo, Naiá. Foi chutado por um selvagem’ (HATOUM, 2005, p. 121).

Percebemos que Jano, ao afirmar “Meu filho vai aprender”, evidencia novamente, pelo tom autoritário, que o aprendizado de Mundo deveria se dar por meio da aceitação da atitude impositiva do pai e, mesmo que não quisesse, deveria ir para o internato. A figura “vi meu amigo chutar o cachorro”, ação resultante da agressão que sofrera, figurativiza toda a raiva que Mundo sentia do pai, de modo que, não podendo agredi-lo naquele momento, foi Fogo, o cão fiel ao pai, a vítima de sua fúria. A fisionomia de Jano, depois do ato da agressão em “movia apenas a mandíbula, o corpo parecia anestesiado”, revela que ele tentou reencontrar seu autocontrole, após a surra que dera no filho. Já ao comentar a agressão de Mundo contra Fogo em “Foi chutado por um selvagem”, o pai compara seu filho ao cão. Como o cão, Mundo seria um selvagem o qual deveria ser domesticado, Mundo também deveria receber uma educação que pusesse limite às suas atitudes, e o pai, como figura autoritária, acreditava que isso poderia se dar no colégio militar. Assim, Jano chegou a seu limite perante as ousadias do filho e seu modo de expressar a cólera foi tomar a atitude de dar uma “surra” em Mundo. Portanto, como sanção pragmática negativa, Mundo levou uma surra e foi punido também com sua ida para o internato, o colégio militar. O filho, no entanto, se submetera a tal imposição apenas ao nível do parecer, mas não ao nível do ser, ou seja, em termos de modalização veridictória, a subordinação do filho aos valores do pai se revelou uma mentira.

## **A GERMINAÇÃO DA CÓLERA DE MUNDO E A AGRESSIVIDADE DE JANO**

Para entendermos de que modo foi instaurando-se a *revolta*, o *ressenti-*

*mento, o ódio e a vingança* que levaram Mundo a uma sucessão de atitudes agressivas contra o pai, é necessário lembrarmos os fatos que ocorreram em sua infância. Por meio do relato do narrador Ranulfo, tio de Lavo, descobrem-se os motivos que levaram Jano a trancar, um dia, o filho no porão, ao mesmo tempo que se revela o seu desinteresse em relação aos valores do filho:

Tua mãe percebeu que tua maior diversão era perambular na chuva e teu maior prazer era desenhar. [...] Então Jano te proibiu de sair na chuva, te trancava no porão e às vezes demorava a ir ao trabalho, queria te vigiar e também vigiar tua mãe, que te libertava logo que ele saía. Ela dizia a Jano que não havia problema em brincar na rua em dias chuvosos, as crianças adoravam, mas Jano nem ouvia: durante os meses de inverno daquele ano mandava um funcionário ao palacete para ver se ainda estavas no porão, e tua mãe o expulsava aos berros [...] então ele mesmo, voltava pra te vigiar, e, enquanto teus pais discutiam, tu fugias, [...] Aí Macau ia atrás de ti, e teu pai te confinava no porão. Perguntavas para tua mãe por que tudo era tão escuro e por que agora só escutavas o barulho da chuva e das trovoadas, e por que tinhas que comer sozinho e só podias sair à noite pra dormir no quarto [...] e um dia tu desenhaste o rosto de uma criança gritando [...] Foi em janeiro de 1958[...] Ele voltou para almoçar e te chamou para comer à mesa; durante o almoço tu lhe mostraste os desenhos, e teu pai, sem olhar para as folhas de papel nem para teu rosto, perguntou: ‘É só isso que ele sabe fazer?’. E tua mãe: ‘É uma criança, gosta de desenhar, ele brinca e desenha sozinho no porão’. Então teus pais começaram a discutir, e no meio da gritaria tu choraste e correste para o porão [...] ‘Deixa o menino lá embaixo, ele já acostumou, agora aprendeu que não deve brincar com malandros na chuva’[...]. E naquele mesmo dia [...] vi um táxi parado na rua e o rosto molhado da tua mãe na janela [...] Fui até o carro e ouvi: ‘Mundo quebrou a janela do porão e fugiu’[...] Volta pra tua casa, vou atrás de Mundo, eu disse. [...]o relógio da matriz marcava sete horas [...] ao cruzar a Marechal Deodoro, vi uma roda de homens e mulheres [...] Perguntei o que estava acontecendo, um homem disse: ‘Um menino perdido... diz que quer mostrar os desenhos para o pai’. Tu choravas no meio da roda e seguravas uma folha de papel, e um talho na tua mão direita ainda sangrava, e manchava o papel. [...] e

fomos de táxi pra tua casa, e continuaste a chorar, querendo mostrar os desenhos ao teu pai, e eu tentava estancar o sangue com a minha camisa; na porta do palacete eu pedi que o motorista te acompanhasse até a sala [...] (HATOUM, 2003, p. 251-255, grifos do autor).

Essa cena enunciativa trata do momento no qual Mundo, de certa forma, manifesta seu estado de *espera*, ele esperava que o pai pudesse gostar de seus desenhos. Percebe-se que o garoto tentou manipular Jano por meio da sedução, mostrando-lhe o desenho, com o intuito de que o pai valorizasse sua arte, mas sua espera foi um fracasso, o pai não lhe estimulou e ignorou o desenho: “É só isso que sabe fazer?” (HATOUM, 2005, p. 252). Notamos que Mundo é um sujeito que, de início, pressupostamente acreditava que o pai poderia incentivá-lo, mas se decepciona com ele.

O fato de Jano deixar Mundo trancado no porão e os sofrimentos pelos quais o faz passar na infância revelam o motivo de toda sua revolta contra o pai, posteriormente, na vida adulta. As figuras “proibiu”, “trancava”, “vigiar”, “mandava”, “voltava pra te vigiar”, “comer sozinho”, “sair à noite pra dormir no quarto” são indícios de que Jano queria submeter Mundo a seu jugo disciplinar, detê-lo de qualquer possibilidade de liberdade, queria ter o controle da vida do filho. E a figura “criança gritando” manifesta o estado de angústia a qual Mundo já sentia frente ao modo opressor de Jano, perante a falta de liberdade, da qual o pai queria privá-lo. A figura do “porão”, neste caso, pode ser considerada um conector de isotopias já que faz alusão também à ditadura militar. Nesse sentido, o enunciador não só nos remete ao porão da casa em que Mundo fora preso e torturado psicologicamente pelo pai, como remete aos “porões da ditadura”.<sup>1</sup>

Assim, percebemos que as duas primeiras etapas do esquema canô-

<sup>1</sup> No período ditatorial militar, a expressão “porões da ditadura” se referia aos locais em que se trancavam os prisioneiros que se rebelavam contra o sistema. Estes eram submetidos a diversos tipos de tortura e ali ficavam confinados em situação subumana.

nico da cólera de Mundo, a *confiança e a espera*, ficam pressupostas no texto, pois é natural que qualquer filho confie que o pai o proteja e admire seus feitos. Sua descrença em relação à falta de afeto do pai se evidencia quando percebe que Jano revelava mais preocupação com seu cão de estimação, Fogo, do que com ele, o próprio filho. Para Jano, Fogo era o ser precioso, e despertava em Mundo um sentimento de raiva: “O cachorro tinha na pelagem umas manchas amarelas que o menino detestava porque um dia o pai dissera: ‘Manchas que brilham que nem ouro. Aliás, Fogo é um dos meus tesouros’” (HATOUM, 2005, p. 11). A figura “ouro”, pelo traço visual da cor amarela, juntamente com a figura “tesouros” aludem ao tema da riqueza de Jano, que valorizava os bens materiais. Jano, por sua vez, se apegava ao cão pela fidelidade e submissão que não conseguia obter do filho.

O grande valor afetivo que Jano dedicava ao cão fazia Mundo sentir-se frustrado e em estado de decepção frente ao posicionamento paterno: “Um pai não pode gostar mais de um cachorro do que de um filho” (HATOUM, 2005, p. 123).

Outro momento importante da história, em que se revela a *frustração* de Mundo com o pai, se nota neste desabafo: “Desde que eu nasci ele não se arrepende de nada do que fez” (HATOUM, 2005, p. 133). Vemos que, por meio de sua frustração, Mundo manifesta-se como um *sujeito ressentido*, por tudo que sofrera quando criança e pelas atitudes do pai em sua juventude. Desse modo, o filho foi deixando-se mover por um sentimento de *vingança e ódio*, fruto do *descontentamento* em relação a Jano. A incompatibilidade de valores foi a responsável por alimentar ainda mais a discórdia entre eles.

E na cena da viagem que fazem à Vila Amazônia, o contraste entre os valores de pai e filho também se evidencia. Para Mundo, a propriedade do pai, a Vila Amazônia, era um lugar que não suportava. Durante a viagem, atracaram no vilarejo, em que Jano foi bem recepcionado

pelo padre do lugar. Mundo desaparecia e reaparecia do local, trazendo sementes para utilizar em seus trabalhos de arte e demonstrava preocupação e solidariedade com os problemas de insalubridade do lugar: “[...] conversara com moradores, a última enchente inundara até a igreja, e ainda hoje viviam na escuridão” (HATOUM, 2005, p. 63). Enquanto o filho se preocupava com os moradores humildes, Jano, por intermédio de seu empregado Macau, trocava, por escambo, com eles, produtos como leite em pó, tecidos, açúcar e recebia, por sua vez, frutas, peixes do lugar, entre outros. Nota-se nesse episódio o confronto de posições entre o sujeito capitalista, figurativizado por Jano, e o sujeito sensível, Mundo, engajado em causas sociais. Enquanto para Mundo o pai era um aproveitador das condições do povo humilde da região, para Jano esse era o modo de mostrar sua posição social de homem rico, que, ao mesmo tempo, revelava sua ambição em adquirir mais e mais. Desse modo, Mundo não queria ser como o pai, ambicioso. Logo, era um sujeito modalizado pelo “não-querer-ser”, tinha repulsa e aversão perante as atitudes do pai:

Quando Jano voltou, foi logo dizendo ao filho: ‘Estás vendo? O Macau encheu o iate de alimento e ainda ganhou uns fardos de malva. Tudo isso por umas caixas de ninharias. Vai aprendendo...’. ‘Aprendendo a enganar?’, perguntou Mundo. ‘A trabalhar’, emendou Jano. ‘Foi isso que o Macau fez’. Mundo murmurou para mim: ‘Pensa que eu sou um idiota, ele é louco, duas vezes doente’ (HATOUM, 2005, p. 63-64).

Existe, então, uma incompatibilidade de valores entre pai e filho. Para Mundo a ostentação do luxo, o modo como os empregados bajulavam o pai, a decoração de sua casa eram desprezíveis, isto é, ele tinha aversão e repulsa não só pela casa da Vila Amazônia, mas também pela companhia do pai:

Na noite da chegada, Mundo me acordou para dizer que havia encontrado um índio velho e doente. Um artista. Acendeu a luz e mostrou uma pintura em casca fina e fibrosa de madeira: cores fortes e o contorno diluído de uma ave agônica.

Tirou da parede os quadros, os enfiou debaixo da cama e num dos pregos pendurou o obra do índio. Disse que aquelas imagens em fundo preto tinham provocado pesadelos em sua infância. Aliás, tudo naquela casa era detestável: *o ambiente, a decoração pretensiosa, as cadeiras de espaldar alto, as toalhas vermelhas de Alcobaça, a bajulação das empregadas*. ‘Nem vou entrar na sala, Lavo. Tu podes ficar grudado no homem... ele não vai te morder’ (HATOUM, 2005, p. 69, grifos nossos).

Nota-se, na cena, que Mundo estava envolvido em um tumulto modal, o que se dá pela oposição entre o *querer e o não poder-fazer*, pois era movido pelo desejo de realizar suas obras artísticas, mas sabia que não podia, porque o pai não o apoiava e queria que o filho seguisse outro caminho. Isso também se revela no momento em que Mundo foi para os festejos em Parintins, e Lavo transmitiu a notícia para o pai do amigo: “Visitamos o galpão do Boi Vermelho. Ele ficou por lá, trabalhando” (HATOUM, 2005, p. 77). Mundo, movido por uma incompatibilidade modal, foi levado ao descontentamento frente ao sujeito do poder (Jano), que, no papel temático de pai, deveria apoiar o filho, mas desejou impor-lhe uma vida pautada por valores pragmáticos, o que Mundo não aceitava. Tudo fez para negar esses valores.

Jano revelou-se, ainda, um sujeito passional, movido também pela paixão do poder. Um empresário com um poder aquisitivo elevado, dotado de estabilidade, em sintonia com os valores do sistema político da época, era um sujeito que tinha por desejo querer-fazer de seu filho sua “propriedade”. O sujeito passional encarava seu filho como um objeto, ou melhor, achava-se no direito de se apropriar de seus desejos e, ao mesmo tempo, queria exercer sobre ele seu domínio. Entretanto, Mundo não aceitava o poder do pai.

O tormento por ter de permanecer na propriedade de Jano era algo insuportável para Mundo, que buscou juntar-se ao povo em Parintins, nos festejos do Boi-bumbá, como alternativa para permanecer na Vila

Amazônia. Mas, por imposição de Jano, Mundo deveria comparecer ao jantar no último dia de estadia na propriedade, o que não aconteceu. Isso provocou em Jano um sentimento de *revolta*, *ódio*, pois o filho desobedeceu a ele:

O nervoso, a ânsia ou o ódio que vi no rosto de Jano quando entrou no quarto do filho! Pisou na roupa suja embolada no chão, abriu as janelas, apanhou as folhas de papel espalhadas sobre a cama, observou os desenhos franzindo a testa: ‘olha a arte do teu amigo’. Eram desenhos a lápis das casinhas de Okayama Ken, do armazém e do casarão. Fachadas e perspectivas. No rodapé de cada folha estava escrito: ‘Propriedade do imperador Trajano’. Devolvi as folhas, que ele rasgou uma por uma; foi até a parede, arrancou a pintura do Nilo e a furou com uma caneta (HATOUM, 2005, p. 79).

Percebemos que Jano, nesse excerto, demonstra seu estado colérico devido à fuga de Mundo. O estado de agressividade do pai de Mundo decorreu do descumprimento do filho em relação ao último jantar na propriedade. Jano estava dominado por um estado de *espera e confiança* de que o filho iria comparecer ao jantar, conforme ele tinha imposto. Mas Mundo não cumpriu a promessa. Desse modo, a *agressividade* de Jano se manifestou pela destruição dos desenhos de Mundo que estavam em seu quarto na Vila Amazônia.

Mundo, então, fugiu para ir embora sozinho para Manaus, não queria ter a companhia do pai para a volta, pois o considerava desprezível. Dotado de insatisfação, pela não realização de seu contrato – achava que Jano deveria apoiá-lo em sua arte – levou a tal ponto seu *descontentamento* que chegou a desejar a morte do próprio pai. “Chorei tanto que parecia que meu pai estava mesmo morrendo. E queria muito que a mentira fosse verdade”, disse com a voz mansa, nenhum sinal de remorso (HATOUM, 2005, p. 90). Nota-se que o sujeito era motivado por um sentimento de repulsa contra o pai, gerado por sua dor ao entender que Jano nunca transformaria sua visão de mundo.

A partir daí houve uma sucessão de desentendimentos entre eles que eclodiu em outras cenas de explosão da cólera de Mundo. Uma fase do descontentamento inicia-se quando Mundo aceita estudar no colégio militar, como era a vontade paterna, mas isso se dá ao nível do parecer, pois ele estava marcado pelo desejo de *vingança*. Isso se revela quando ele relata seus planos a Lavo: “ ‘Vou estudar e morar no colégio militar’. [...] ‘Não quero fugir. Agora quero ir até o fim’. [...] ‘O fim da vida... da minha ou da dele. Não é a aposta que ele quer fazer?’ ” (HATOUM, 2005, p. 123). A surra que recebeu do pai foi o estopim para alimentar ainda mais a desavença com Jano. E a presença da cicatriz deixada pela surra do cinturão pode ser considerada, também, o alimento de sua raiva pelo pai, uma vez que passou a ser uma marca presente em seu corpo, que sempre lhe trazia à lembrança a agressão paterna:

Ele não comentava o cotidiano do colégio nem os rigores da disciplina e dos treinamentos, mas, quando tomava banho no igarapé, víamos arranhões e marcas de ferimentos nos braços, pernas e ombros; no entanto, *a cicatriz deixada pelo cinturão do pai era mais visível e estúrdia. Mundo passava a mão no pescoço, para ter certeza de que ela ainda estava ali* (HATOUM, 2005, p. 128, grifos nossos).

A figura da cicatriz, portanto, é a concretização de todas as marcas de agressões operadas pelo pai em Mundo, não só da surra. A raiva de Mundo foi se acumulando em seu interior e pode ser considerada da ordem da extensidade. O advérbio “ainda”, na cena acima, revela a duratividade dessa raiva. É como se ao tocá-la Mundo revivesse todas as ofensas, a falta de carinho, a indiferença que o pai demonstrava por ele e pelos seus fazeres. Daí, a necessidade de tocá-la: “passava a mão no pescoço, para ter certeza de que ela ainda estava ali”.

A etapa da *agressividade*, por sua vez, no percurso canônico da cólera, pode ser considerada aquela em que Mundo chegou exaltado em casa depois que prenderam Ranulfo. Percebemos que todo o

acúmulo de ofensas, recebidas do pai, eclodiu na explosão da cólera quando prenderam tio Ran.

Ranulfo era ajudante de Mundo na confecção da obra “Campo de Cruzes”. Mundo relembra, pois, fatos passados demonstrando todo seu ressentimento e raiva. Era como se revivesse naquele momento tudo o que já sofrera, remoendo as ofensas pelas quais fora atingido. Nesse momento, Mundo recorda-se do episódio em que levava uma surra do pai, e o ato de ser trancado no porão: “Por que não tiras o cinturão agora? Por que não me trancas no porão?” (HATOUM, 2003, p. 198). É como se fosse “um acerto de contas” que Mundo queria ter com Jano.

A cena anterior a esse fato se dá no momento em que Lavo havia entrado na casa do amigo e percebeu a reação de *raiva* de Mundo. Mundo, então, quis fazer um acerto de contas com o pai, devido a toda a humilhação pela qual ele o fez passar, além do fato de ter mostrado desprezo, indiferença diante de seus desenhos.

O ponto culminante da explosão da cólera dá-se, assim, depois que Mundo agredira o pai e o viu caído na sala, após tê-lo empurrado ao chão:

O portão da casa de Jano estava aberto, passei sob o caramanchão, e na varanda ouvi gritos e latidos. Quando entrei na sala, vi primeiro Mundo dizendo para o pai: ‘Por que não tiras o cinturão agora? Por que não me trancas no porão?’. Em pé, as mãos espalmadas no peito, Jano começou a recuar quando o filho avançou para cima dele” (HATOUM, 2005, p. 198).

Lavo chegara à casa do amigo e tentou impedir que ele continuasse o ataque “[...] antes que eu pudesse segurar Mundo pela cintura, ele cravou as mãos na camisa do pai e o empurrou com violência” (HATOUM, 2005, p. 198). Mundo só teve consciência do seu estado de cólera quando viu o pai caído no chão da sala. “Com um

solavanco, se desgarrou e saiu devagar, olhando para o chão da sala, onde tombara o pai” (HATOUM, 2005, p. 199).

Notamos que a *explosão da cólera* de Mundo se deu por meio da agressão física ao pai. Jano também demonstrara os mesmos sentimentos negativos contra o filho: raiva, fúria, decepção. Podemos concluir que a agressividade se tornara um círculo vicioso na relação entre eles: o pai agredia o filho e o filho, conseqüentemente, agredia o pai.

Percebemos, portanto, nessas cenas, algumas das manifestações da paixão da cólera, assim como de algumas de suas variantes na obra hatouniana. Elas marcaram profundamente a relação entre pai e filho. Jano, com todo seu pragmatismo, é metonímia, na obra, dos valores da ditadura militar. Para Mundo, os valores do pai eram disfóricos, uma vez que seus objetos de valor estavam voltados para o universo das artes, que o pai desprezava. Desse modo, a desavença entre pai e filho em torno do valor que atribuíam aos valores foi responsável pelo conflito insolúvel que marcou a relação entre ambos.

## REFERÊNCIAS

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo Casa Grande. Bauru: Edusc, 2003.

FONTANILLE, J.; DITCHE, E. R.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraire*. França: Berlim, 2005.

HATOUM, M. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.